



BONJARDIM

Ficha técnica



Título	Bonjardim - Há mais vida no Porto
Autor	Be Oporto Lda.
Colaboração	Arq.º Luís Aguiar Branco
Desenhos e fotografias	Be Oporto Lda. (salvo os devidamente identificados)
Edição	Be Oporto Lda.
Concepção gráfica	Sofia de Eça
Exemplares	10 (versão em português)

Julho de 2016

© Be Oporto Lda.

Todos os textos escritos ao abrigo
do novo Acordo Ortográfico

Projecto do
empreendimento



ARQUITECTOS

mmeireles.com
facebook.com/MeirelesArchitects
Rua Fernandes Tomás
816, 2ºAndar, 4000-213 Porto, Portugal
geral@mmeireles.com



A reabilitar o Porto.

Rua Fernandes Tomás
816, 2ºAndar, 4000-213 Porto, Portugal
+351 22 326 51 71 +351 93 811 54 49
geral@be-oporto.com

be-oporto.com
facebook.com/b3oport
instagram.com/beoport
pinterest.com/beoport

BONJARDIM

Há mais vida no Porto

Índice



13

PREFÁCIO

18

ENQUADRAMENTO
HISTÓRICO

*A nossa cidade e o
comércio tradicional*

50

CARACTERÍSTICAS
DO EDIFÍCIO

*Estrutura, história
e intervenção*

74

APRESENTAÇÃO
DAS FRAÇÕES

*Sete frações
habitacionais e uma
fração comercial*

76

PROJETO
3D e plantas

94

GLOSSÁRIO

95

BIBLIOGRAFIA



Planta da cidade do Porto
 Autor VIDAL, F. Ferrary
 Impressão Off. de Vasques & C^a, Lisboa
 Ano 1865

Prefácio



A empresa Be Oporto foi pensada e criada por dois arquitetos que têm em comum a paixão pela recuperação urbana, tendo como propósito um conceito, uma atitude, uma forma de estar que represente idealmente o que é entender e amar a cidade do Porto.

As cidades nasceram para serem habitadas! Em tempos passados, elas foram despovoadas, ocupadas por indústria, comércio e serviços, desprovidas de vida. Atualmente, esses movimentos foram finalmente invertidos e a população começou novamente a habitar, a inundar as cidades de história, de alma, de carisma.

Desta forma, a Be Oporto pretende contribuir de forma ativa para o renascimento da cidade que deu o nome a Portugal, tendo como especial enfoque a reabilitação urbana. As intervenções têm sido realizadas em edifícios típicos na Baixa e no centro histórico do Porto, ao nível da renovação, tornando-os adequados às necessidades habitacionais atuais. A Be Oporto respeita sempre a alma e individualidade de cada edifício, mantendo fachadas e elementos arquitetónicos de referência típicos, tais como claraboias, lanternins, as guardas das varandas em ferro forjado ou fundido, os azulejos e todos os demais elementos de destaque.

A Be Oporto tem como prioridade tornar-se numa parte ativa da cidade, acompanhando e integrando as suas dinâmicas emergentes.

O Empreendimento Bonjardim é dotado de uma localização privilegiada, junto à Avenida dos Aliados, metro da Trindade e estação de S. Bento. Encontra-se, ainda, próximo de escolas, comércio variado, monumentos históricos e espaços culturais. Com acabamentos de alta qualidade e bom gosto, este empreendimento, com frente para duas ruas, composto por rés-do-chão e três pisos, vive completamente desafogado na sua envolvente e beneficia de ótima exposição solar.



Área de intervenção da Be Oporto Lda.



■ Monumentos de referência

■ Espaços públicos de referência

■ Edifício Bonjardim



Porto-27 - Panorama.



sobre o Rio Douro.

Enquadramento Histórico



Uma rua de memórias

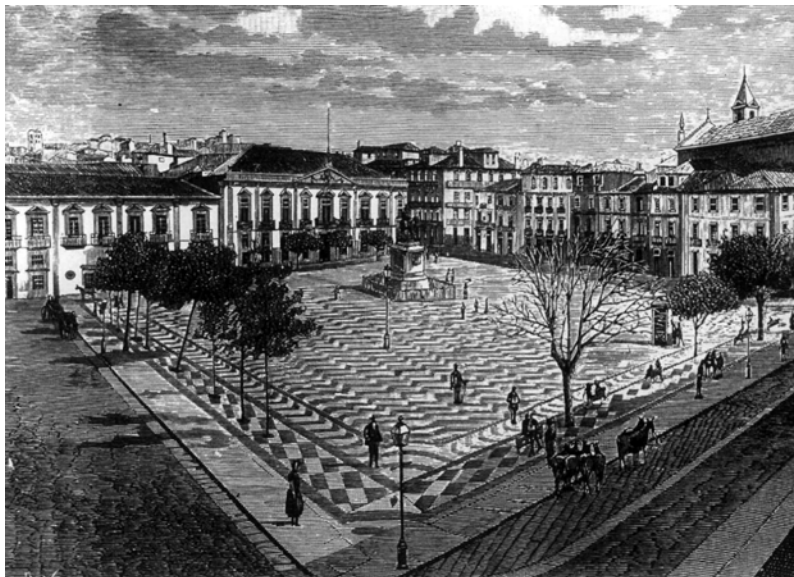
A estreita e ondulante rua do Bonjardim corresponde à estrada velha de Guimarães e é um dos velhos topónimos portuenses. Supõe-se que esta rua seja uma das primeiras estradas, se não romana, pelo menos medieval, mencionada desde o século XIII, no testamento do bispo D. Vicente Mendes, revigorado pela escassez de caminhos e a sua transformação num dos principais pontos de entrada e saída da cidade. Além disso, esta velha estrada de Guimarães culminava na muralha da cidade, onde se localiza a atual Igreja dos Congregados, sendo este um dos mais importantes pontos de acesso à cidade medieval.

Tudo isto levou a um aumento substancial, a partir do século XVIII, do afluxo de pessoas à cidade e, conseqüentemente, à criação de comércio que desse resposta às necessidades crescentes, nomeadamente o aparecimento de cafés, teatros e cinemas.

Com um alinhamento quase Norte/Sul e uma extensão de 1,9km, a rua do Bonjardim tem uma forte relação com a topografia da cidade, estando localizada no seu território de expansão. Situa-se numa área de frente urbana contínua consolidada e de interesse urbanístico e arquitetónico, que se estende desde a rua Sá da Bandeira até à Praça do Marquês, passando por vários cruzamentos e quarteirões, onde a história ainda se consegue sobrepor à modernidade, tornando-a numa das zonas mais características e únicas da Invicta.

O Porto tem-se reinventado à velocidade da luz, e, a cada dia que passa, há algo de novo a acontecer, mas ao mesmo tempo as ruas, e a do Bonjardim em particular, guardam sempre os pormenores que lemos nos livros e vemos nas fotografias antigas, como se fizessemos parte da história.

Uma história cheia de memórias, de conhecimento, de cultura, de pessoas que aqui nasceram e de outras que fizeram desta a sua terra. É isto que dá vida ao Porto e que a torna numa cidade única.



A Praça Nova - gravura a partir de fotografia de Emílio Biel - 1886

Comércio tradicional – pedaços de história viva

No final do século XVIII, o Porto sofre algumas alterações que marcam para sempre a sua história. A partir da Praça Nova, atual Praça da Liberdade, surge um plano urbanístico de ampliação da cidade para Norte, o Plano dos Laranjais, em 1761.

Seguem-se décadas de crescimento e criação de ruas planeadas que ainda hoje são verdadeiros marcos do Porto. Começa-se, então, a falar em Baixa – na lógica de aparecimento de diversas atividades comerciais. No entanto, esta nova praça verificou-se ser demasiado pequena para o aumento de pessoas que frequentam e habitam a cidade, mas também para a proliferação de comércio. Decide-se, desta forma, abrir a Avenida dos Aliados, tendo como ponto central o edifício da Câmara Municipal. Pensado para ser um verdadeiro monumento, este edifício com uma torre no centro foi idealizado para marcar uma posição estética e para se tornar ainda mais impactante. Subir a Avenida dos Aliados e aproximarmo-nos, passo a passo, de tal sumptuosidade, faz com que qualquer pessoa admire ainda mais a imponência do edifício da Câmara Municipal do Porto.



Vista da Avenida dos Aliados e pormenores do edifício da Câmara Municipal do Porto

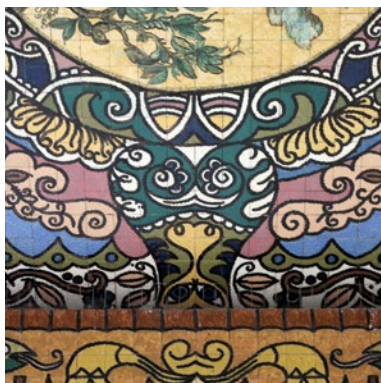


A partir de 1916, outra revolução acontece na confluência das ruas de Sá da Bandeira e Bonjardim: a criação de edifícios de influência europeia, destinados aos grandes bancos que se começaram a instalar na zona.

Não é, por isso, de estranhar que o Porto seja, cada vez mais, uma cidade cosmopolita, que recebe e acolhe novas culturas, novos visitantes, numa dinâmica muito própria e característica. Isto em muito se deve à paixão dos seus habitantes, bem como à história que parece surgir em cada parede, em cada janela. E, por entre portas, encontramos um sem fim de vivências e experiências que nos enriquecem em cada momento, como se preenchêssemos as páginas de um caderno vazio. E o comércio local assume um papel preponderante para que tal aconteça. Locais que passaram de geração em geração, que resistiram a crises, a lágrimas, a infortúnios. Locais onde não faltam sorrisos e braços abertos para receber qualquer pessoa como se de um velho amigo se tratasse.



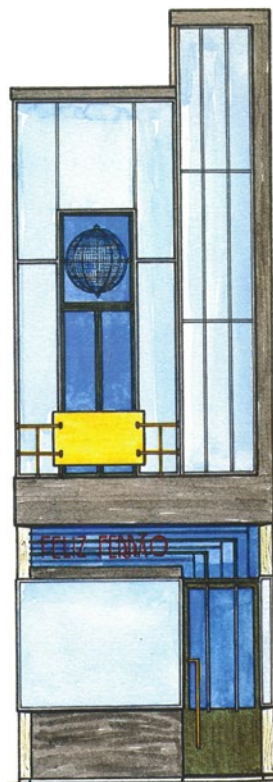
Arcada do Palácio Atlântico (atual edifício Millenium BCP), na Praça D. João I e pormenor do pavimento exterior



Detalhe dos painéis de azulejos do Palácio Atlântico, da autoria do ceramista Jorge Barradas (anos 50)

Antiga loja do Feliz Ferrão - Casa da sorte

Este edifício modernista foi projetado por Artur de Almeida Júnior e demolido nos anos 70 do século XX. O destaque desta casa de venda de tabacos, valores selados e principalmente de lotarias, fundada por António Ferrão Cardia Moreira, vai para a simbólica roda da sorte, cuja rotação acompanhava o anúncio dos números mágicos da lotaria da Santa Casa da Misericórdia. A população saía à rua para acompanhar todo este espetáculo, mas também para verificar a sua sorte.



Fotografia da fachada do estabelecimento Feliz Ferrão, demolido nos anos 70 (Rua Fernandes Tomás 863), da autoria do Arq. Artur Almeida Júnior, 1935 e projeto original da fachada, desenhado pelo Arq. Luís Aguiar Branco

Feira do Bacalhau

Uma das mercearias com mais história na cidade do Porto é a Feira do Bacalhau. O bacalhau é indiscutivelmente um pilar na gastronomia portuguesa, fazendo do povo português um dos maiores consumidores deste alimento em todo o mundo. Esta mercearia, criada em 1925, foi sofrendo algumas remodelações com o tempo, mas preserva ainda os traços característicos que lhe deram nome e reconhecimento. Aqui o bacalhau é rei, seja pendurado à porta, exibido na montra ou ostentado em cartazes apelativos. Não obstante, na Feira do Bacalhau pode encontrar leguminosas, cereais, frutos secos e outros produtos de mercearia, que são emoldurados num espaço com pormenores perdidos no tempo, em jeito de painel antigo pintado à mão, invocando temas do Oriente.

O Pretinho do Japão

O nome não deixa entender o que se esconde dentro das portas d'O Pretinho do Japão. Trata-se de uma mercearia fundada em 1947 que reinterpreta e enquadra na modernidade peças de outrora como uma porta da época, com uma pintura alusiva ao nome da loja, contentores antigos de frutos secos, balanças antigas, que convidam à visita, à compra, mas também à conversa. A pequena estatueta da figura que lhe dá o nome ou as senhas de racionamento do pós-segunda guerra mundial sublinham o caráter emblemático deste espaço.

Bernardino Francisco Guimarães

A Bernardino Francisco Guimarães (BFG), loja de ferragens e decoração, foi fundada em 1900 e continua no mesmo espaço da rua do Bonjardim, como se o tempo não tivesse passado. Mas passou. E se há traços que se mantêm fiéis à origem, como as ferragens antigas e o mobiliário, hoje a BFG também tem uma loja online. Há ferragens para portas e janelas, puxadores, dobradiças, mas também candeeiros, lanternas, suportes para vasos. E, atualmente, um dos serviços mais procurados é a réplica de ferragens antigas, para a área do restauro.

Casa Januário

A Casa Januário completa 90 anos de existência e é um ex libris da cidade do Porto. Nasceu do sonho de um jovem empreendedor, Januário Gil Mendes Ferreira, oriundo de uma família de lavradores do Fundão. As contrariedades da época e a falta de capital próprio não impediram Januário Gil de se conseguir estabelecer no ramo, onde encontrou uma forma muito própria de atendimento personalizado, o que ajudou a alcançar o sucesso.



Estabelecimento comercial 'O Pretinho do Japão', R. do Bonjardim, nº496 A



Publicidade pintada sobre vidro de porta, no interior do estabelecimento



Placa publicitária da 'Feira do Bacalhau', R. do Bonjardim, n.º498



Placa publicitária da loja de Ferragens Bernardino Guimarães, R. do Bonjardim, n.º404

Este negócio de família conseguiu reinventar-se ao longo dos anos, sem nunca perder a sua essência e as suas características diferenciadoras. As lojas de bairro têm um papel cada vez mais relevante numa lógica de requalificação, de repovoação e de melhoria de qualidade de vida da baixa das cidades e a Casa Januário orgulha-se de poder oferecer uma seleção de produtos de qualidade, onde o charme e a sofisticação se materializam num atendimento intimista.



Ed. da Casa Januário e placa publicitária, R. do Bonjardim, nº352 esquina com R. Formosa



A abundância de cor e diversidade convida a degustar os produtos expostos



Mercado do Bolhão

Só se descobre verdadeiramente como é o povo de uma cidade quando entramos num mercado. São locais cheios de vida, pulsação, movimento, risos e pregões com sotaque. O Mercado do Bolhão não é exceção. Classificado como imóvel de interesse público em 2006, é o local perfeito para desfrutar dos cheiros, das cores e sons únicos deste lugar tão especial e carismático. Desde 1837 que nesta localização já existia um mercado aberto. Em 1915 o arquiteto camarário Correia da Silva desenhou o projeto do atual edifício do mercado, tal como o conhecemos. Apresenta uma estrutura singular com dois pisos, caracterizando-se ainda pela monumentalidade própria da arquitetura *beaux arts*, estabelecendo marcações arquitetónicas nos extremos e nos eixos, destacando torreões, frontões e cúpulas, numa mistura equilibrada de estilos e influências. Existem quatro entradas



Pormenor da fachada Palácio Conde do Bolhão, R. Formosa, nº342

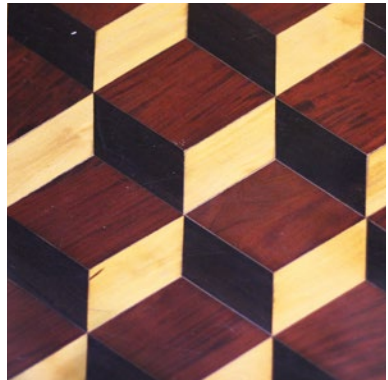
principais a diferentes cotas: a entrada sul, que dá acesso ao piso térreo é feito pela Rua Formosa; as entradas laterais pela Rua de Sá da Bandeira e pela Rua Alexandre Braga dão acesso a um patamar intermédio com escadarias que ligam ambos os pisos; e, finalmente, a entrada norte pela Rua de Fernandes Tomás, que dá acesso direto ao piso superior.

Palácio Conde do Bolhão

O Palácio Conde do Bolhão expressa o vigor político e financeiro da orgulhosa burguesia portuense do séc. XIX. Foi mandado construir em 1844, pelo Barão António de Sousa Guimarães, que mais tarde se tornou Conde do Bolhão, um dos comerciantes mais ricos do País. Este palácio deve ainda a sua reputação à faustosa vida social que o proprietário promovia e que Camilo Castelo Branco, seu protegido, descreveu detalhadamente nas suas obras literárias. O espaço albergou por duas vezes a família real neste espaço, também conhecido pelas opulentas festas, com 800 convidados, que constituíam o zénite da vida social da cidade. Arruinado e acusado de falsificação de moeda no Brasil, o conde acabaria



Detalhes decorativos do interior do Palácio Conde do Bolhão





Pormenores do interior do Palácio Conde do Bolhão

por vender o palácio. No início do séc. XX foi convertido na sede da Litografia do Bolhão e, em 2002, após obras de requalificação, o espaço é agora a casa do Teatro do Bolhão, um local de realização artística, que promove em paralelo a dinamização de uma escola - ACE, Academia Contemporânea de Espetáculo.

Cardoso Cabeleireiro

O percurso de Jerónimo Cardoso Jorge sempre esteve ligado ao mundo das cabeleiras, mas foi quando se instalou na rua do Bonjardim, perto dos inúmeros teatros existentes nas redondezas que se criou a sua ligação à história da cidade. Era a este mestre de cabeleiras que os artistas de palco recorriam para completar os figurinos das peças de teatro que preenchiam os serões da Baixa portuense. A inspiração para a decoração do espaço, mas também para o realizar do seu trabalho, encontrou-a em 1900, após uma visita à Exposição Mundial de Paris, que esteve aberta durante sete meses, tendo recebido mais de 50 milhões de visitantes.



D.R.

Espaço anterior da antiga loja/oficina do 'Cardoso Cabeleiro', R. do Bonjardim nº105

Restaurante Regaleira



Aqui nasceu a francesinha! Decorria a década de 50 quando Daniel Silva, um emigrante regressado de França, criou a francesinha com base na tosta francesa, denominada croque-monsieur. Para lhe dar um toque especial e único, acrescentou-lhe um molho de cobertura, que é, aliás, o segredo deste petisco, que já chegou a ser considerado uma das melhores sanduiches do mundo. O restaurante Regaleira foi reformulado em 1953 pelo arquiteto Alfredo Coelho de Magalhães, que em 1980 foi eleito presidente da Câmara Municipal do Porto, e mantém-se fiel às origens.

Antiga loja Parceria Vinícola do Norte

Um dos mais pequenos prédios da Rua do Bonjardim é dotado de uma aparência peculiar que causa curiosidade, e estranheza mesmo, entre os turistas. Com uma das poucas fachadas comerciais neogóticas existentes, data de 1922, albergava a Parceria Vinícola do Norte Lda. No entanto, o estabelecimento permanece devoluto há vários anos, denotando-se a extrema necessidade de dar-lhe nova vida e nova história.



Fachada neogótica e detalhe da Antiga loja Parceria Vinícola do Norte, R. do Bonjardim nº109-113

Teatro Rivoli

Inaugurado em 1913 com a designação de Teatro Nacional, o atual Teatro Rivoli desde logo sofreu várias mudanças impostas pelas constantes mutações no centro urbano da cidade do Porto, sendo a mais significativa em 1932, a propósito da abertura da Praça de D. João I, que impulsionou a reconstrução do Rivoli para um estilo moderno. O imóvel foi repensado, remodelado, modernizado, renascendo com o novo nome e preparado para novas finalidades: cinema, ópera, dança, teatro e concertos. Em 1992, já propriedade do Município do Porto, fechou para uma nova remodelação, sendo a área existente ampliada para mais de 11.000m², onde constam um auditório secundário, um café-concerto, uma sala de ensaios e um foyer de artistas, assim como espaços para os serviços administrativos e técnicos. Atualmente, o Teatro Rivoli, nome de influências italianas, o que confere protagonismo e enobrecimento ao espaço, acolhe programação nacional e internacional do Teatro Municipal do Porto e abre as portas a alguns dos maiores eventos da cidade.



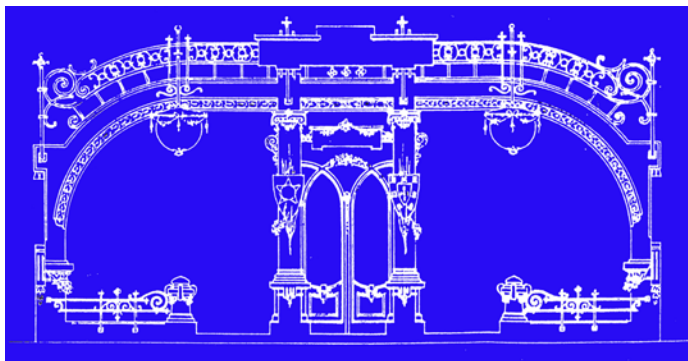
Edifício do "Teatro Rivoli"; Arq. Júlio José de Brito, anos 30



Imagem atual do 'Teatro Rivoli', após obras de remodelação feitas pelo Arq. Pedro Ramalho



Pormenor da escultura em baixo relevo da fachada, por Henrique Moreira



Projeto da fachada de 1915, evidenciando o apêndice Arte Nova, em ferro e vidro

Café “A Brasileira”

O emblemático café “A Brasileira” nasceu em 1903, quando um antigo farmacêutico emigrado em Minas Gerais abriu um espaço para exibir e disponibilizar a sua própria marca de café. Foi um local de referência nas décadas de 50 e 60, tendo-se tornado num local emblemático para jornalistas, políticos e artistas. O seu encerramento em 2013 entristeceu até as pedras da calçada – era o fim de uma era. Aquelas paredes não ouviam mais risos, mais confidências, não seriam mais testemunhas de uma cidade que tanto preserva a sua história. Todavia, e para gáudio geral, parece que afinal “A Brasileira” terá mesmo um final feliz: em 2017 abrirá portas o hotel homónimo, com a categoria de cinco estrelas, e que funcionará sob a temática das especiarias que marcaram os Descobrimentos Portugueses.



Convergência das ruas Bonjardim e Sá da Bandeira



Detalhes do café 'A Brasileira'.
Pág. seg.: Pormenor do painel de azulejos dos anos 60 (Séc. XX) existente na R. de Sá da Bandeira, colocados quando a fachada foi remodelada







D.R.

Igreja da Trindade (Carlos Amarante, 1804), Fotografia de Emílio Biel, c.1900

Igreja da Trindade

Esta igreja foi construída a partir de 1803, com o projeto do arquiteto Carlos Amarante, por iniciativa da Ordem da Trindade, no antigo Largo do Laranjal. Possui fachada com dois andares, com três tramos, destacando uma torre sineira central que quebra a horizontalidade dos volumes. A Igreja é, no seu todo, composta por linhas sóbrias, onde se destaca a linguagem neoclássica, nomeadamente pilastras, arcos plenos, frontões curvos e triangulares. Destaca-se ainda, na capela-mor, um quadro de grandes dimensões que representa o Batismo de Cristo, da autoria do pintor José de Brito. Este é um local que convida à reflexão, permitindo um pequeno escape no meio do bulício da cidade do Porto.



D.R.

Igreja da Trindade, entrada principal, R. da Trindade, nº 9

Igreja de Santo António dos Congregados

A designação desta Igreja prende-se com o facto de ter sido fundada pela Congregação de S. Filipe de Nery, cujo padroeiro principal é Santo António, fundador da Congregação. A Igreja foi construída em 1703 e dos espaços conventuais existentes na época, hoje já nada resta. Possui uma capela-mor, reconstruída no século XIX, decorada com dez painéis figurando cenas da vida de Santo António, e retábulo com painel de João Baptista Ribeiro representando Assunção da Virgem. Os azulejos que preenchem a fachada desde 1920 são da autoria de Jorge Colaço e os vitrais de Robert Léone.



Igreja de Santo António dos Congregados, (1694-1703), Praça de Almeida Garrett



Nicho escultórico existente no frontão da Igreja de Santo António dos Congregados



Janela existente na fachada e brasão da Ordem colocado no frontão interrompido da porta de entrada da Igreja de Santo António dos Congregados





Estação de São Bento

A mítica e deslumbrante Estação Ferroviária de São Bento foi edificada no princípio do séc. XX, segundo um projeto do arquiteto Marques da Silva, no exato local onde existiu o Convento de S. Bento de Avé-Maria. O átrio está revestido com vinte mil azulejos historiados, do pintor Jorge Colaço, que ilustram a evolução dos transportes e cenas da história e vida portuguesas. A estação afirmou-se como um dos principais monumentos na cidade, conquistando o seu merecido espaço nos roteiros turísticos da cidade.



D.R.

Pormenor de um dos painéis de azulejos do interior da Estação de São Bento

D.R.



Interior da Estação de São Bento



Pormenor de um dos painéis de azulejos do interior da Estação de São Bento

O Porto foi-se construindo aos poucos, ainda que de forma rápida. E, mesmo assim, conseguiu sempre manter as suas raízes, tradições e essência, adaptando-se ao evoluir dos tempos. A rua do Bonjardim, em particular, destaca-se pelas diferenças em cada loja, pelas cores dispares e pelas fachadas e montras peculiares. É isto que dá vida à rua, que lhe dá uma personalidade que nos faz apaixonar à primeira visita.



Variedade de azulejos, típicos do séc. XIX, ao longo da Rua do Bonjardim



Características do edificado: Estrutura, história e intervenção

por Arq^a Marta Andreso



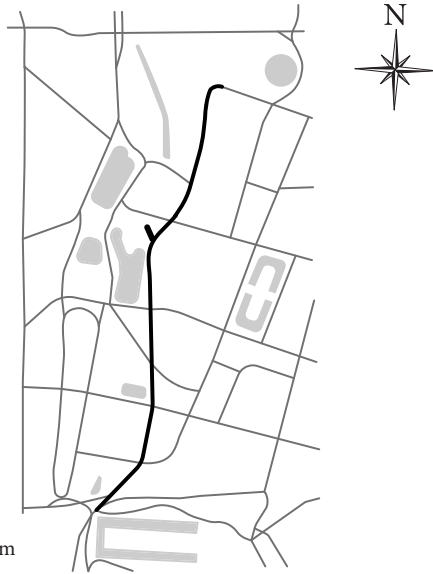
O contexto preexistente

Bem implantado no centro histórico do Porto num cantinho entre dois arruamentos e contemplando o sul com toda a fachada exposta, o edifício numa fase inicial albergava somente um pequeno café no rés-do-chão com entrada pela rua do Bonjardim.

Após o encerramento do café, todo o edifício encontrava-se devoluto nos seus 4 pavimentos¹ e em visível estado de degradação.



Edifício Bonjardim antes da intervenção



Esquema de implantação do ed. Bonjardim



Edifício Bonjardim após a intervenção

De construção exclusiva em alvenaria de granito, ostenta a cantaria em aparelho de pedra retangular bujardada², manifestamente aparente no embasamento,³ confinando uma pilastra⁴ no cunhal⁵ e faixas nas transições de pavimentos, podendo ainda suster o balanço das sacadas⁶ corridas com pequenos cachorros⁷ devidamente alinhados com os vãos e rematando o topo com uma moldura em cornija para apoio do beiral.

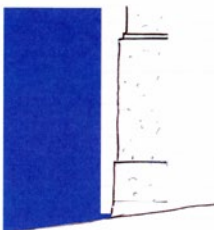
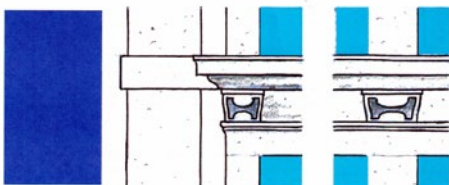
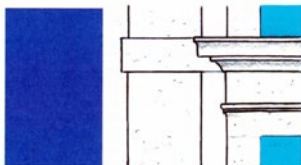
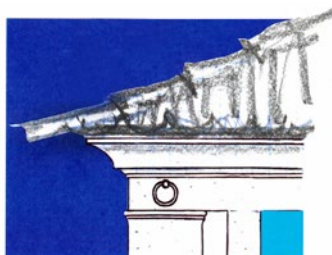
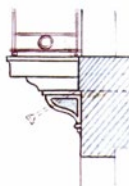
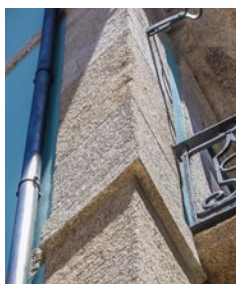
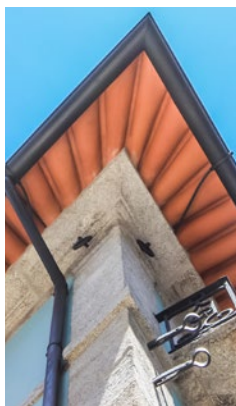
Num olhar cuidado, as duas sacadas são de aparências distintas, uma com cachorros e outra sem, sugerindo tempos de construção diferentes atravessados pelo séc. XVIII ao XIX, mas mantendo o respeito ao plano original.

Os guarnecimentos, quer de vãos quer de gradeamentos, revelam as fachadas de caráter principal e secundário, com mais presença de vãos e sacadas na Rua do Bonjardim e apenas vãos espaçados na Travessa das Liceiras.

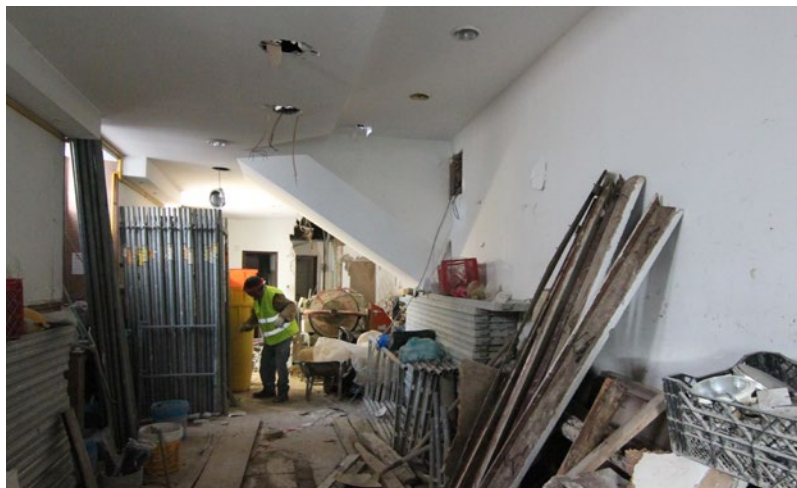
A fachada principal da rua do Bonjardim, obrigatoriamente, fará o enquadramento de todas as entradas comunicando com o corredor que interliga o acesso à escada e que tem por fronteira uma parede em alvenaria de granito que a suporta e resguarda a possível independência do rés-do-chão.



Entradas antes da intervenção



Pormenor da pilastra, no remate com: cornija, faixa, varanda com cachorro e embasamento



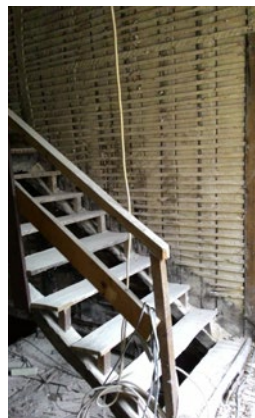
Espaço de loja preexistente



Corredor preexistente

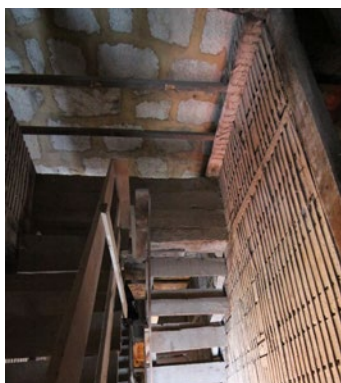


Corredor - obra



Escada preexistente

Os andares superiores, então autónomos, estabelecem a sua comunicação vertical a partir do eixo da planta edificada, aqui encontrando-se a única escada principal composta por dois lances e desenvolvimento em U, e que abraça os vigamentos de madeira de pinho como segundo material estrutural construtivo em plena harmonia com a pedra.



Escada preexistente e respetivos pormenores

À medida que se ergue em altura, sente-se uma diminuição do pé-direito⁸ e, mesmo tendo sido impossível chegar ao último piso por instabilidade das estruturas devido a incêndio evidente, este revela-nos, à descarada, as asnas, as madres, os barrotes, o cume, toda uma estrutura tosca de cobertura ainda resistente ao tempo e às diversas adversidades ultrapassadas.



Cobertura preexistente e respetivos pormenores

E embora nada fosse ao acaso, tudo o resto amedronta.

Divisórias em alvenaria de tabique⁹ quase desfeitas, davam lugar a quartos, salas e cozinhas. Por vezes, sem qualquer disposição salubre, desenhavam percursos reduzidos em largura e altura na tentativa de transitar por todo o edificado no seu sentido longitudinal, enquanto os sanitários dispunham de um lugar reservado, dada à particularidade da função, empurrados para o canto mais adverso delimitados por paredes em alvenaria de granito.

Quanto às restantes madeiras, já pouco funcionais, ainda persistiam num soalho empenado e esburacado, em algumas das portas interiores e portadas, assim como nos caixilhos ora de batente ora de guilhotina, alguns deles substituídos no tempo por matérias proibidas como o pvc e o alumínio.



Caixilharia preexistente



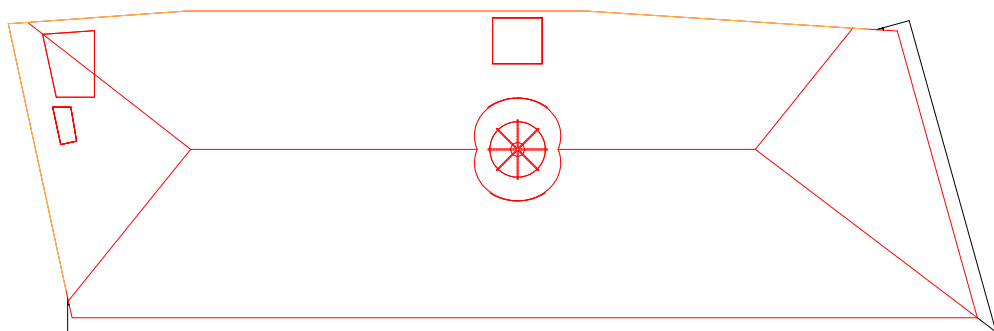


O nível de intervenção

Estruturalmente, o edificado tinha somente os elementos exteriores periféricos definidos e estáveis, excetuando o plano da cobertura. Seriam, então numa primeira abordagem, estes os elementos a conservar e a preservar, em detrimento de tudo o resto.

Numa 1ª fase era primordial fazer a limpeza dos interiores o que possibilitou observar a verdadeira escala do construído e transferi-la para desenho, dando lugar à planta de trabalho.

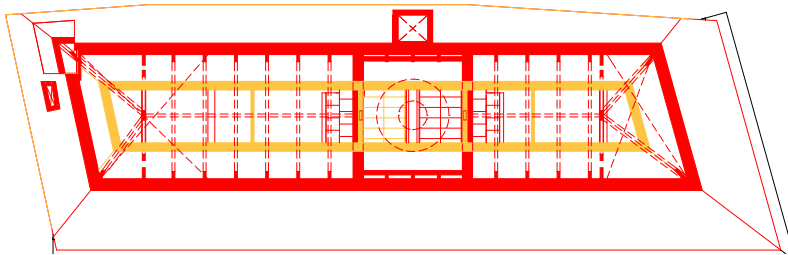
■ Elementos demolidos ■ Elementos construídos ■ Elementos restaurados



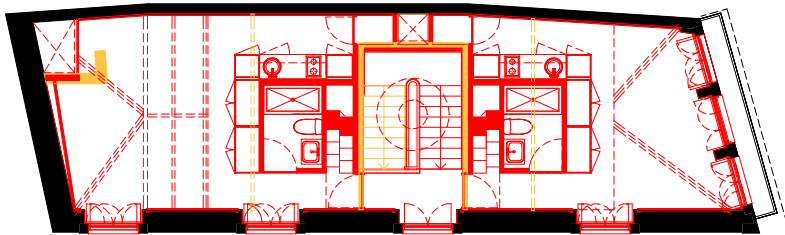
Planta cobertura



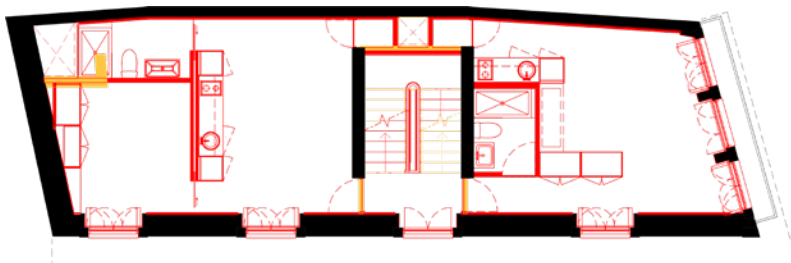
Planta piso 0



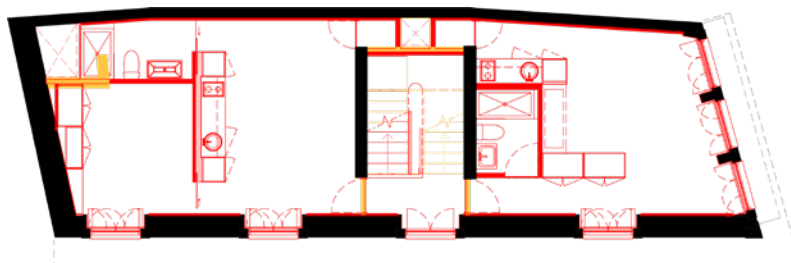
Planta piso 3 - Mezanino



Planta piso 3



Planta piso 2



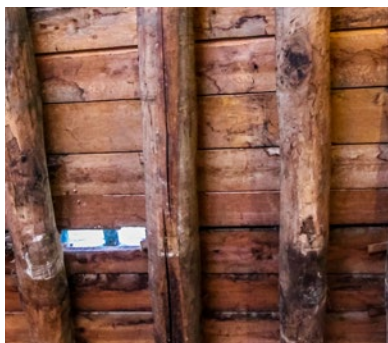
Planta piso 1

A princípio, sem esperar o inesperado, era inevitável a demolição integral de todos os elementos estruturais e não estruturais dos espaços interiores. Mas à medida que se foi avançando, descobriram-se vigas de pavimento sólidas e de dimensão consideráveis para nunca mais saírem do seu lugar, revelaram-se paredes de tabique incrivelmente verticais no enquadramento da escada, e uma pequena mas interessante singularidade de um ornamento simples, consignado num pilarote¹⁰ do corrimão da escada.

Vigas de pavimento, paredes estáveis em tabique e este ornamento seriam os elementos a conservar, preservar e restituir, em detrimento de tudo o resto. Neste caso, planear a organização foi uma tarefa simplificada, já que esta existia muito bem articulada com a implantação correta da caixa de escadas e que ajudou a definir e a clarificar quantas frações iriam surgir para habitação.



Corrimão e tabique existente ao longo das escadas



Vigas preexistentes, e tabique preexistente numa das divisões



Entrada da habitação pela Travessa das Liceiras



Entradas do espaço comercial, pela R. do Bonjardim

E seria de se esperar, como antigamente se fazia, todo um rés-do-chão dedicado ao comércio, no entanto, não faria muito sentido que se mantivesse a mesma estrutura estrangulada por um corredor de acesso e partilhada por dois donos, quando poderíamos tirar proveito de duas fachadas com plena liberdade.

Desta forma, nem tudo se perdeu, sendo que a escada auferiu um só dono e uma só entrada, abonada pela travessa de nome Liceiras, e o comércio nem saiu do lugar que já era seu anteriormente, ou seja, na rua do Bonjardim. A partir daqui estávamos aptos para executar as definições pretendidas pela arquitetura, na procura do equilíbrio entre o tradicional e o moderno, investigando soluções com melhor resposta às

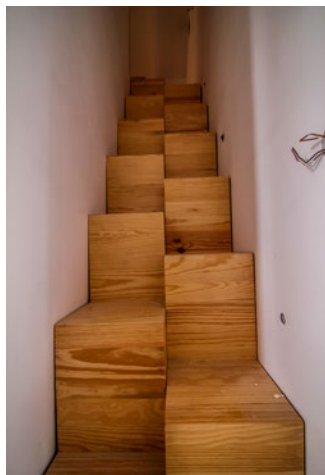


Escada antes e após intervenção

condições de habitabilidade.

Prosseguindo a 2ª fase, todos os elementos de estrutura seriam assentes com o mesmo material, a madeira, e a estratégia de manter as estruturas de pavimento existentes resultou num proveito de cerca de 70% das já existentes.

Ergueu-se uma nova estrutura de cobertura para um telhado inclinado de 4 águas¹¹, assente em blocos de betão unidos à base sólida das paredes exteriores de alvenaria de granito, permitindo subir o pé-direito do último piso e ajudando a configurar um espaço excepcional em mezanino¹² que tira partido das asnas simples arquitetonicamente assumidas, e cujo acesso se estabelece por uma escada palhaço, de longitudinalidade curta e patamares em paralelo.

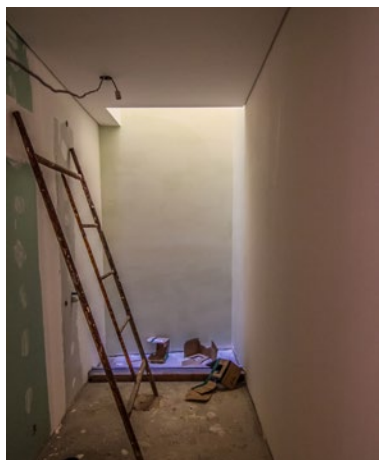


Pormenor das vigas e aproveitamento de algumas; escada-palhaço



Cobertura e mezanino

Construiu-se uma escada nova, igualmente de dois lances e desenvolvimento em U e com desenho à moda antiga, culminando o seu topo com uma cúpula ornamentada e claraboia piramidal, um pequenino esplendor que não detinha mas que lhe foi atribuído, ou não fosse esse um efeito tradicionalmente comum em muitos outros edificadas. Construiu-se também um pequeno saguão¹³, tomando o lugar das antigas instalações sanitárias e iluminando o que era então obscurecido.



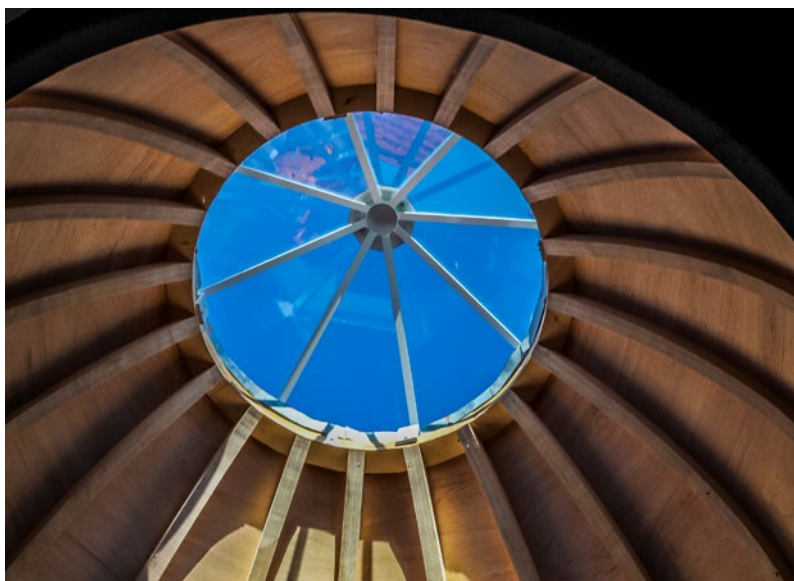
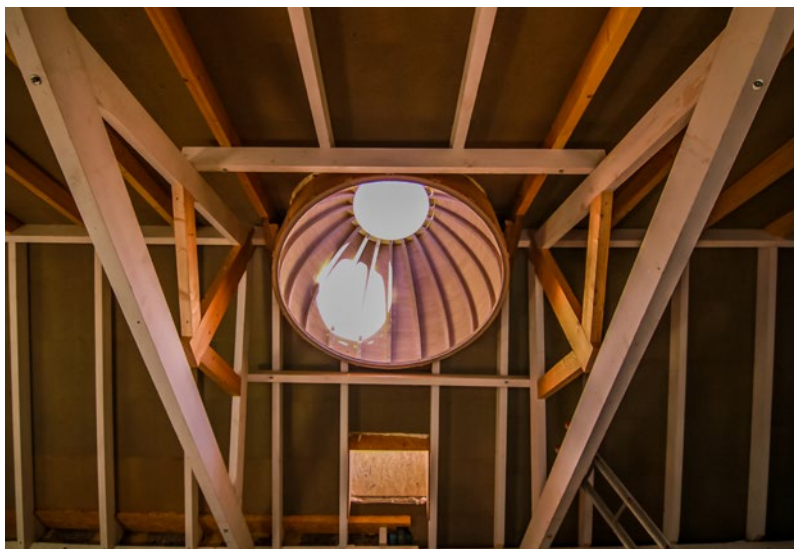
Saguão em construção



Escada principal



Estrutura do saguão em conjunto com a cobertura



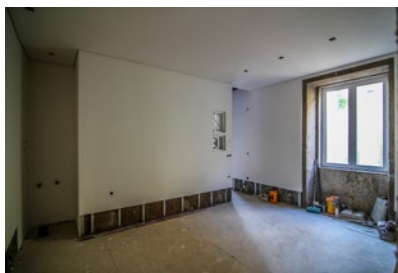
Estrutura da claraboia

Finalmente, estabelecidos os limites das paredes exteriores, pavimentos, cobertura e escada principal, repartem-se as heranças por partes, as que ficam para o privado e as que ficam para o público, e encerram-se por completo a curiosidade alheia substituindo caixilhos e portadas por igual ou semelhante exemplar, fortalecendo as espessuras de madeiras e vidros em todas as portas e janelas e revestindo e isolando tetos e pavimentos.

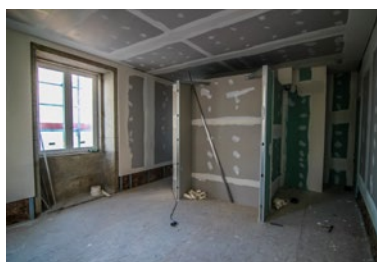
Já no íntimo, com a planificação de divisórias leves, conhecidas como divisórias de pladur¹⁴, podemos achar os espaços de sala, cozinha, quarto e sanitário, individualizados com tão pouco esforço, que de alguma forma ou de outra, vão criando fusões de funcionalidades diversas na transição entre eles e para espanto sente-se um alívio no espaço gerado.



Área comum - entrada de fração



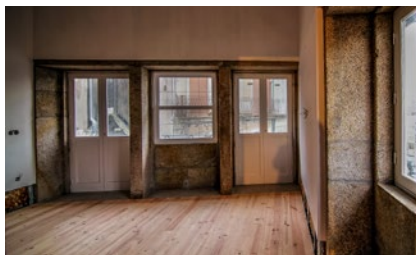
Divisória de fração



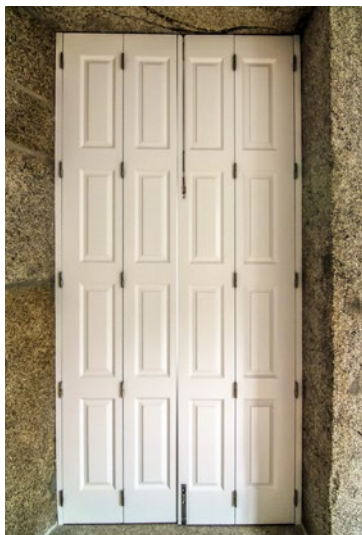
Divisórias interiores



Divisórias interiores e mezanino



Caixilhos antes e depois da intervenção

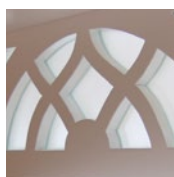
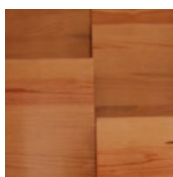
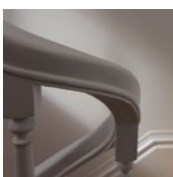
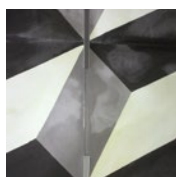


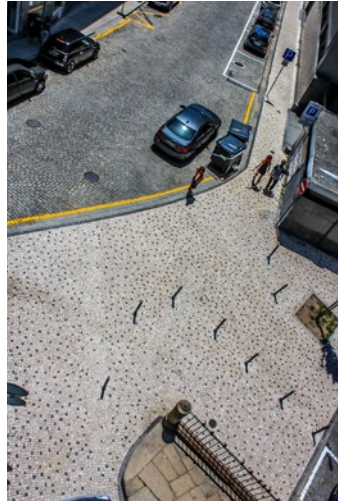
Portadas



Divisórias da área comum

Presentemente temos, por fim, um edifício reconquistado pelo prazer que proporciona a quem olha uma ou duas vezes, reconquistado pela graciosidade dos adereços de ferro forjado e acabamentos, reconquistado pela identidade criada no gaveto, na rua, no quarteirão, na cidade e nas pessoas.





Apresentação das frações



O projeto final

O plano final da arquitetura distribui 7 frações habitacionais e 1 fração comercial, em que a disposição e organização dos compartimentos adaptam-se de acordo com a área e a conjuntura do piso e da fração, sendo que cada habitação dispõe das funcionalidades básicas e essências para o bem-estar e conforto do seu ocupante: espaço de sala – estar e jantar; espaço de cozinha ou copa; espaço de quarto ou cama; instalação sanitária; lavandaria e compartimento técnico.

Ficha técnica do projeto:

Arquitetura: Meireles Architects

Especialidades: Ponte Urbana, Engenharia e consultoria; Nuno Leite, Eng^o eletrotécnico

Visualizações 3D: Meireles Architects

Obra: Jaime Azevedo, Construções Lda.

Início da obra: Dezembro 2014

Conclusão da obra: Maio 2016

Área de terreno: 93,00 m²

Área de implantação: 93,00 m²

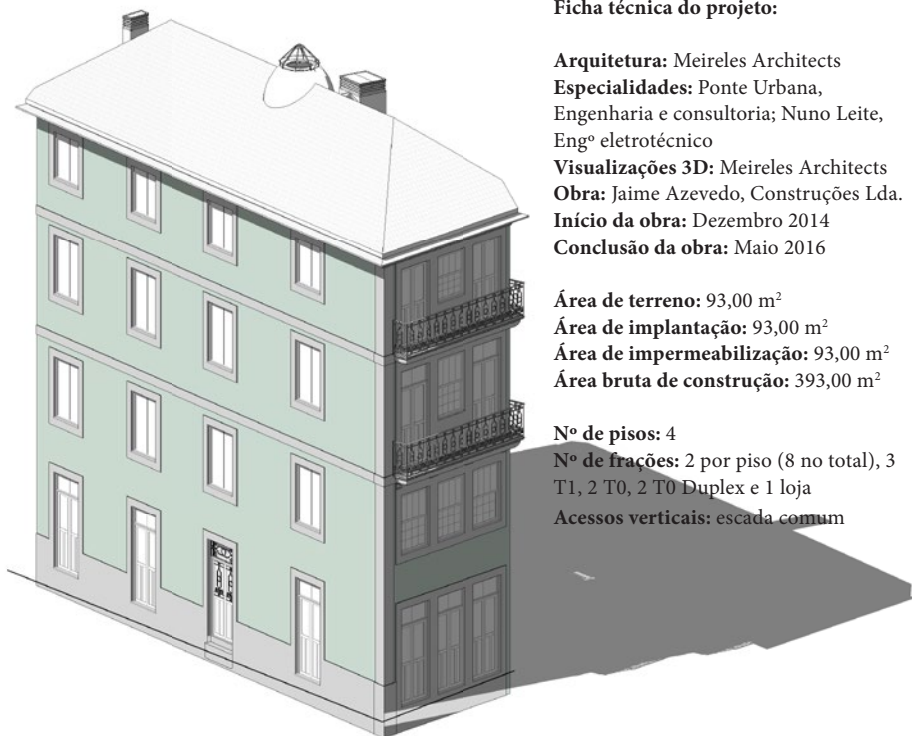
Área de impermeabilização: 93,00 m²

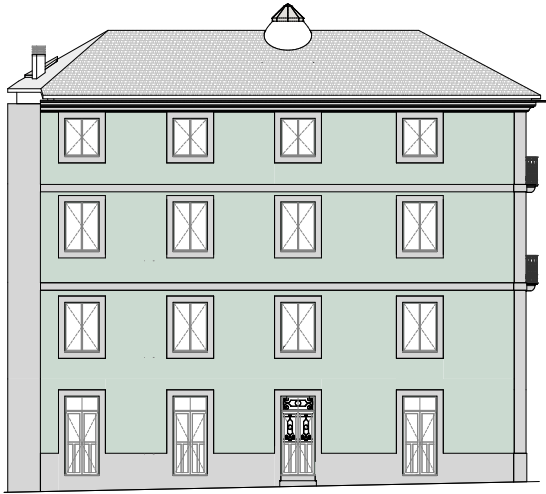
Área bruta de construção: 393,00 m²

Nº de pisos: 4

Nº de frações: 2 por piso (8 no total), 3 T1, 2 T0, 2 T0 Duplex e 1 loja

Acessos verticais: escada comum

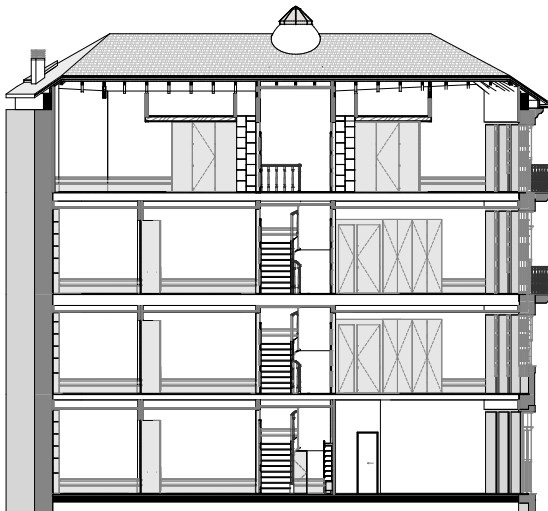




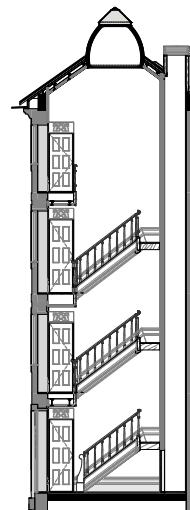
Alçado sudoeste



Alçado sudeste



Perfil longitudinal



Perfil transversal

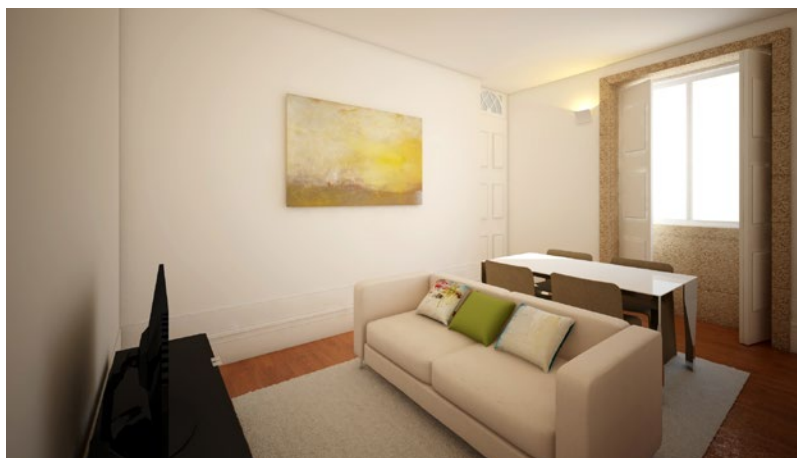
Projecto



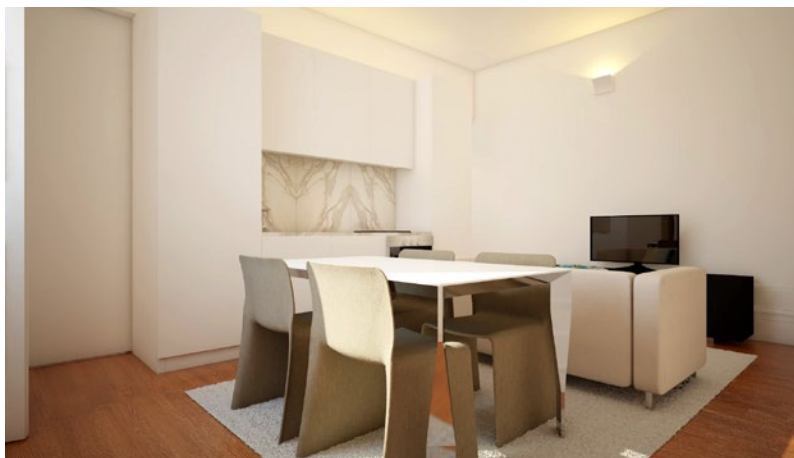
3D e plantas



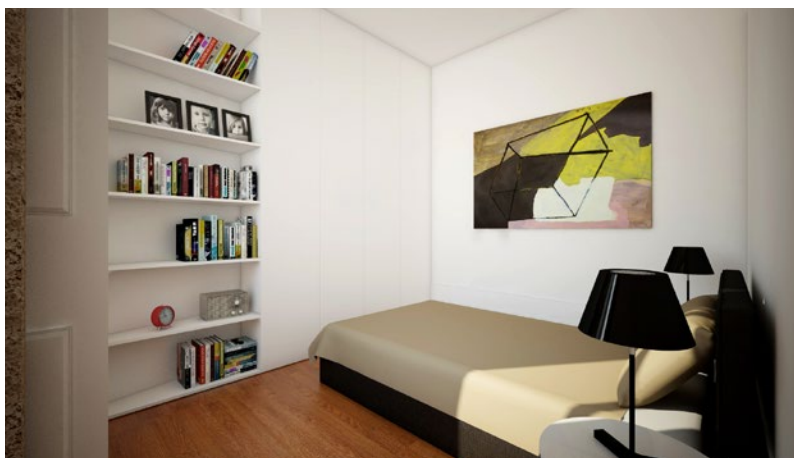
Cozinha tipo



Sala tipo - T1



Sala tipo - T1



Quarto tipo - T1



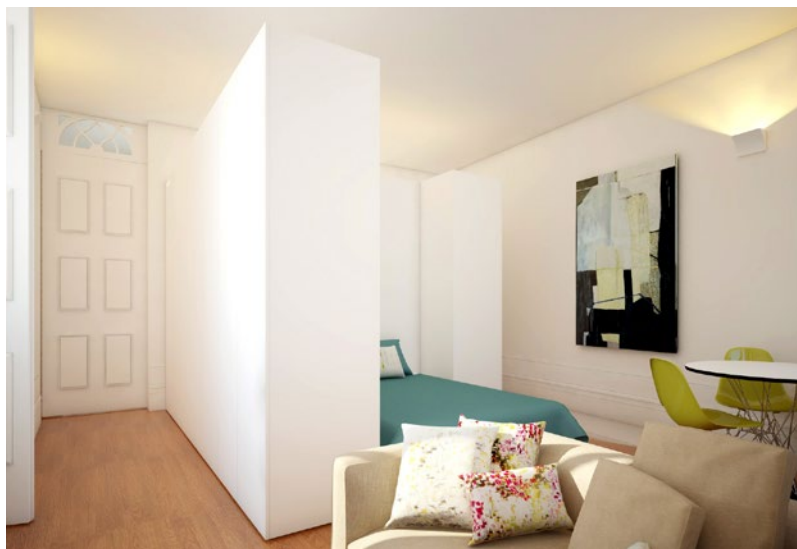
Sala - T0 duplex



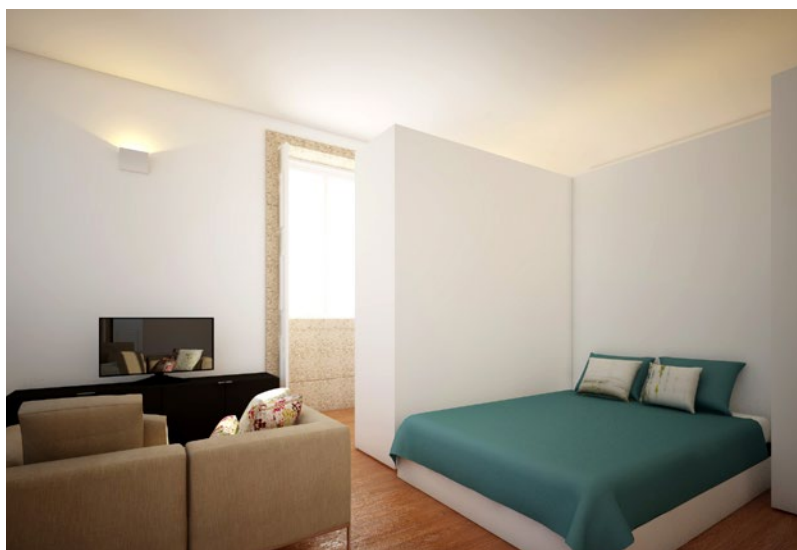
Sala - T0 Duplex



Instalação sanitária tipo



Sala tipo - T0



Sala tipo - T0



Sala - T0 duplex



Quarto - T0 Duplex



Sala - T0 duplex

Planta piso 0



Fração	Localização	Afetação
--------	-------------	----------

A	Piso 0	Loja
---	--------	------

ÁREAS (m ²)		
-------------------------	--	--

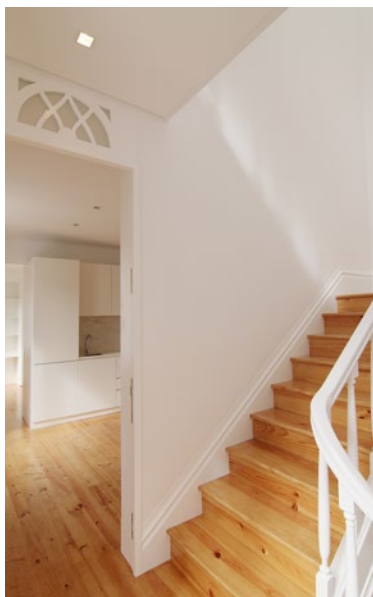
Coberta	Descoberta	Total
34,34	-	34,34

Fração	Localização	Afetação
--------	-------------	----------

B	Piso 0	Habitação T1
---	--------	--------------

ÁREAS (m ²)		
-------------------------	--	--

Coberta	Descoberta	Total
41,68	-	41,68



Planta piso 1



Fração	Localização	Afetação
C	Piso 1	Habituação T0

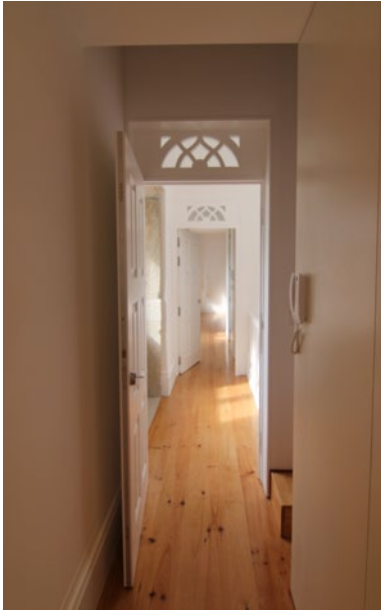
ÁREAS (m²)

Coberta	Descoberta	Total
34,14	-	34,14

Fração	Localização	Afetação
D	Piso 1	Habituação T1

ÁREAS (m²)

Coberta	Descoberta	Total
41,68	-	41,68



Planta piso 2



Fração	Localização	Afetação
E	Piso 2	Habitação T0

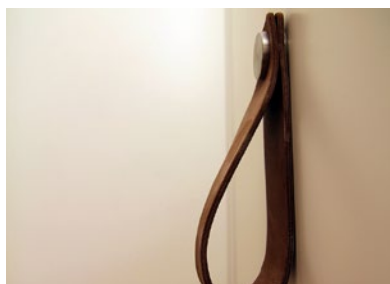
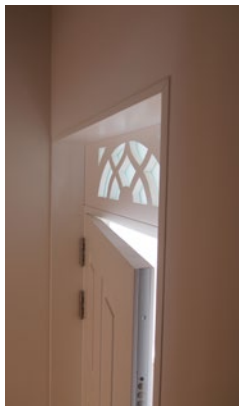
ÁREAS (m²)

Coberta	Descoberta	Total
34,14	2,73	36,87

Fração	Localização	Afetação
F	Piso 2	Habitação T1

ÁREAS (m²)

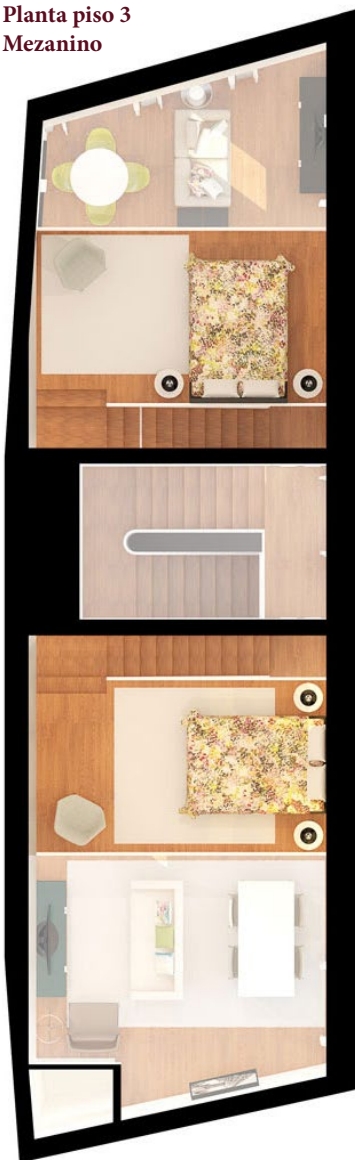
Coberta	Descoberta	Total
41,68	-	41,68



Planta piso 3



Planta piso 3
Mezanino



Fração	Localização	Afetação
G	Piso 3	Habitação T0 Duplex

ÁREAS (m²)

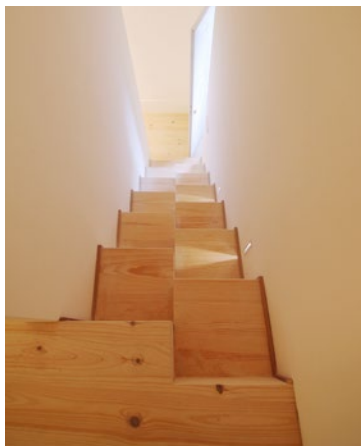
Coberta	Descoberta	Total
52,23	2,73	54,96

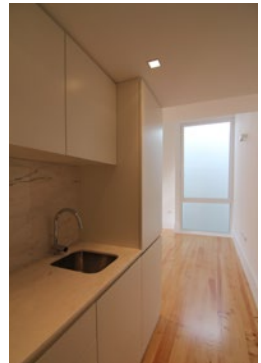


Fração	Localização	Afetação
H	Piso 3	Habitação T0 Duplex

ÁREAS (m²)

Coberta	Descoberta	Total
61,57	-	61,57







Glossário



- ¹ O mesmo que pisos, andares, assoalhadas (p. 50)
- ² Superfície rugosa em grão fino (p. 52)
- ³ Estrutura de base a formar um rodapé alto (p. 52)
- ⁴ Saliência nas paredes, semelhante a pilar, com sentido vertical (p. 52)
- ⁵ Esquina, gaveto (p. 52)
- ⁶ O mesmo que varandas (p. 52)
- ⁷ Elementos decorativos, simples, por baixo das varandas (p. 52)
- ⁸ Altura desde o chão ao teto (p. 56)
- ⁹ Paredes interiores com estrutura e ripado de madeira (p. 57)
- ¹⁰ O mesmo que pilar, coluna, de dimensão pequena (p. 62)
- ¹¹ Vertentes do telhado, planos inclinados (p. 66)
- ¹² Piso intermédio entre dois pavimentos (p. 66)
- ¹³ Pátio estreito no interior do edifício por onde se criam entradas de luz (p. 68)
- ¹⁴ Material resistente, de espessura variável, composto por gesso coberto com celulose (p. 70)

Bibliografia



BRANCO, Luís Aguiar - **Lojas do Porto, Vol. 2.** Porto: Edições Afrontamento, 2009. ISBN: 978-972-36-1047-5

GRAVATO, Maria Adriana Pacheco Rodrigues - **A arquitetura na cidade do porto, nas décadas de 30 a 50 do século xx, através do estudo do conjunto da avenida dos aliados à rua de ceuta.** Dissertação de Mestrado em História da Arte em Portugal - Arquitectura do século XX; Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto, 2004.

Portal VISIT PORTO - Disponível em: <http://www.visitporto.travel/> [Acesso: Junho 2016]

Portal SIPA – **Sistema de Informação para o Património Arquitectónico** - Disponível em: http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/Default.aspx [Acesso: Junho 2016]

Blogue **Do Porto e Não Só** - Disponível em <http://doportoenaoso.blogspot.pt/> [Acesso: Junho 2016]

